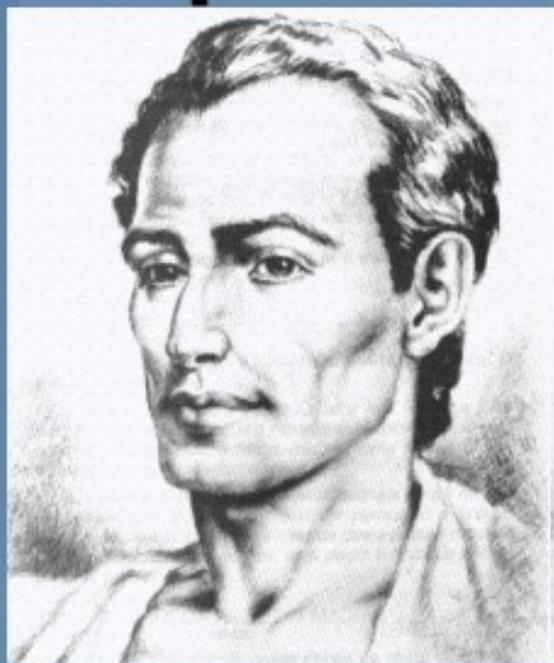


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XLVII – Contradição

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XLVII – Contradição	O Consolador	04
Complementos		
A religião e o progresso	O Consolador	06
Busca interminável	O Consolador	08
Contradição só na aparência	O Consolador	10

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

Contradição **Reunião pública 29/06/1959** Questão 770

Muitos companheiros, a pretexto de se guardarem contra o mal, evitam contatos com esse ou aquele círculo de serviço, caindo frequentemente em males de maior monta. E para isso, quase sempre, recorrem a negativas de vária espécie.

Dizem-se pecadores, mas fogem deliberadamente ao ensejo que lhes propicia a aquisição de virtude.

Afirmam-se devedores, quando, nesse aspecto, lhes cabe maior diligência na solução dos compromissos de que se oneram.

Declaram-se inúteis, ausentando-se dos quadros de trabalho em que poderiam mostrar os préstimos de que são mensageiros.

Asseveram-se imperfeitos, desertando da luta capaz de conferir-lhes mais amplo burilamento.

Escrevem longas confissões de remorso, sem ânimo de gastar ligeiros minutos na reparação dos erros em que se anunciam incursos.

Proclamam-se cansados, esquecendo-se de que, assim, exigem mais dura cooperação dos semelhantes, em diversas ocasiões, muito mais fatigados do que eles mesmos.

Intitulam-se doentes, reclamando o sacrifício dos outros.

Inculcam-se por vítimas do desencanto, veiculando o pessimismo com que esmagam as esperanças alheias.

Categorizam-se por neurastênicos angustiados, sem compaixão para com aqueles que lhes suportam a bile.

Acreditam-se perseguidos por Espíritos inferiores, sem jamais ofertar-lhes qualquer recurso de amor à renovação.

Lamentam-se. Colecionam queixumes. Exageram sintomas. Escusam-se e choram.

Ante a educação que ilumina e a caridade que levanta, imaginam-se ignorantes e fracos, malogrados e infelizes, muitas vezes mentalizando infortúnio e frustração, tédio e suicídio.

Transitam aqui e ali, entre a desconfiança e o desânimo, sentindo-se habitualmente desamparados e incompreendidos, destacando-se, onde surjam, à maneira de sensitivas ambulantes, temendo ciladas e tentações.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

E encerram-se, por fim, na reclusão de si mesmos como se, insulados e inertes, estivessem conquistando altura moral. Contudo, nada mais conseguem que a fuga do dever a cumprir, porque, se, em verdade, procuram a apetejada libertação do mal, é imprescindível entendam que a melhor maneira, de extinguir-se o mal será fazermos para com todos e em toda parte a maior soma de bem.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

A religião e o progresso

A Doutrina Espírita é a Doutrina da fé raciocinada, que tudo explica, à luz da razão. Se algum dia for provado que ela errou em algum ponto, ela partirá desse ponto, para a reformulação.

A Doutrina é perfeita, seus postulados são irrepreensíveis. Os ensinamentos básicos foram transmitidos pelos Espíritos Superiores, que realmente sabem das coisas, pelo seu grau de adiantamento, pela sua vivência.

Numa comparação simplória, mas real, o Espírito Superior, em relação a nós, está na situação de um observador que se posta em um ponto privilegiado de uma estrada e de lá observa todo o caminho, todo o percurso. Ele é capaz de prever tudo aquilo que o viajante vai descortinar durante a viagem; pode adverti-lo, com conhecimento de causa.

A atualidade é uma das características da Doutrina Espírita, cuja data em que surgiu para a Humanidade é 18 de abril de 1857, a mesma data da primeira edição de O Livro dos Espíritos.

Por isso, o Espiritismo jamais será ultrapassado. Diante dos avanços da ciência, oferece subsídios importantes, pois os ensinamentos da Codificação Espírita são de uma atualidade insofismável.

Uma religião sem essas características sucumbe, ao primeiro impulso do progresso. Se segue adiante, segue capengando, tropeçando, aqui e ali. Eis por que o Espiritismo se fortalece cada vez mais.

Livre de dogmas, a Doutrina Espírita difere daquelas que são “constrangidas, de tempos em tempos, a fazer concessões à ciência, fazer dobrar o sentido literal de certas crenças, ante a evidência dos fatos”. O trecho entre aspas é do artigo A Religião e o Progresso, da Revista Espírita, de Allan Kardec, julho de 1864.

Acentua o trecho que a religião que “repudiasse as descobertas da ciência e as suas consequências, do ponto de vista religioso, mais cedo ou mais tarde perderia sua autoridade e o seu crédito e aumentaria o número dos incrédulos”.

O papel da ciência é estudar, observar, pesquisar, para chegar às várias conclusões. Devem-se aplaudir todas as descobertas científicas que tenham como objetivo a melhoria da sociedade e do homem.

Vejamos mais, da Revista: “Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela ciência, a falta não é da ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos, em contradição com as leis da natureza, que são leis divinas. Repudiar a ciência é, pois, repudiar as leis da natureza e, por isto mesmo, renegar a obra de Deus. Fazê-lo em nome da religião seria pôr Deus em contradição consigo mesmo e fazê-lo dizer: Eu estabeleci leis para reger o mundo; mas não acrediteis nessas leis”.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII

E mais: “Em todas as idades, o homem não foi capaz de conhecer todas as leis da natureza; a descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso. Daí, para as religiões, a necessidade de pôr suas crenças e os seus dogmas em harmonia com o progresso, sob pena de receberem o desmentido dos fatos constatados pela ciência. Só com essa condição a religião é invulnerável. Em nosso entender, a religião deveria fazer mais do que se pôr a reboque do progresso, que apenas acompanha constrangida e forçada: deveria ser uma sentinela avançada porque proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis é honrar a Deus”.

Finalmente, observa: “A contradição existente entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a ciência e a religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade e a necessidade desse acordo porque, em nossa opinião, a ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus e se devem completar reciprocamente, em vez de se desmentirem mutuamente. Estender-se-ão as mãos, quando a ciência não vir na religião nada de incompatível com os fatos demonstrados e a religião não mais tiver que temer a demonstração dos fatos. Pela revelação das leis que regem as relações entre o mundo visível e o invisível, o Espiritismo será o traço de união que lhes permitirá olhar-se face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que diariamente tantos incrédulos são trazidos a Deus”.

Altamirando Carneiro, A religião e o progresso, – O Consolador – Nº 450 – 31/01/2016.

Busca interminável

A viagem que cada um de nós realiza em torno de si mesmo, buscando alcançar a liberdade de ação, é desgastante porque é desesperadora. O sentimento de prisão e a sensação de amarras que sentimos, literalmente, em nossos movimentos, nos impedem sempre de agir. Difícil compreender de onde vêm e porque estão tão presentes em nós.

A consciência dessa presença é tão viva que nos dá a impressão de ser um estado natural e, portanto, impossível de ser desfeita. O que torna tudo isso incrível é a necessidade de liberdade de movimentos – e não falamos, apenas, de movimentos físicos, sejam eles de que ordem forem – que convivem de alguma forma, com essa constante presença em nossas vidas: as amarras.

Apesar da dificuldade, vamos procurar compreender o significado dessa contradição que nos impede de crescer para essa amplidão psíquica que nos é de direito possuir. O sentimento de liberdade – não importam agora as diferentes conceituações que se possam dar a ele – está inserido na própria natureza humana quando da sua criação. Essa liberdade, no nosso entender, não se refere àquela em que cada um pode realizar o que deseja – e muitos apreciariam esse estado de coisas – para satisfazer seus mínimos caprichos; se buscamos isso, basta olhar ao nosso redor para entendermos que a liberdade de cada um encontra limite na liberdade do outro. O direito que exigimos de sermos livres também é o direito do outro.

Esse sentimento ao qual nos referimos é a vontade de alcançar algo acima das amarras que nos prendem ao solo. Quantas vezes, cada um de nós já não desejou, ao olhar para o espaço, projetar-se em um imenso mergulho nessa imensidão. E estamos falando do mergulho físico, literalmente. O sentimento de liberdade ainda se liga ao da sensação que precisamos experimentar. As nossas emoções precisam, ainda, de parâmetros físicos. Por essa razão, quando falamos ou pensamos em tal conceito, nos imaginamos voando ou, para aqueles que preferem, mergulhando nas profundezas do oceano, ou ainda em altas velocidades procurando chegar mais depressa a lugar algum.

É muito pouco comum o ser humano perceber, com clareza, qual a liberdade que ele experimenta e qual realmente deseja. A confusão é evidente tendo-se em conta que o mundo que nos cerca é basicamente estruturado em razão de vivências sensitivas. Necessidade do Espírito para o seu crescimento! Assim, apesar de em algumas ocasiões experimentarmos essa liberdade "física" – mesmo que por breves instantes – acabamos retornando ao solo e nos sentimos amarrados. Duas necessidades que aparentemente se contrapõem, mas absolutamente importantes para aprendermos a separá-las e vivenciá-las, cada uma no seu momento.

É importante levarmos em consideração que o processo de identificação, separação e vivência conceitual pode ser o mesmo do crescimento físico pelo qual passamos da infância à maturidade. Nossos primeiros contatos com o mundo material se iniciam através do tato e muito lentamente passamos da fase do concreto para a conceitual. Por exemplo, primeiro sentimos a mesa (sensação física, tátil) para depois entendermos que a mesma palavra significa não só aquela mesa que primeiro nos serviu de parâmetro, mas todo e qualquer objeto que tenha a mesma finalidade. Transportando para o conceito de liberdade é

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

inevitável depararmos com tal similitude. Entretanto, enquanto não abandonarmos a idéia de girar ao redor de nós mesmos, nessa busca interminável, nenhum passo conseguiremos dar em direção ao sentimento idealizado. O máximo que poderemos alcançar é, indubitavelmente, o realizado por causa da nossa total limitação psíquica de apreender o verdadeiro significado de liberdade.

No estágio evolutivo em que o homem se encontra, e só podemos falar agora do nosso planeta, esse máximo conquistado representa, por ora, uma grande vitória. Entretanto, é imprescindível levar-se em conta que, apesar de o tempo trabalhar a nosso favor, não podemos adiar mais a decisão de nos preparar- mos para o verdadeiro mergulho. Jesus nos deixou, em passagem evangélica, a confirmação de que somos muito mais capazes do que julgamos ser, e diz claramente que poderíamos ser como ele era e realizar o que ele realizava. O Mestre conhecia a alma humana; sabia de toda a potencialidade e também de todos os seus medos.

O ser e o realizar como ele significa, no nosso ponto de vista, o movimentar-se dentro do mais profundo respeito com toda a obra divina, a começar por si próprio. Entendemos que esse respeito só se dá na medida em que conhecemos o objeto da nossa preocupação; na medida em que reconhecemos, em todos os cantos, a obra divina. Sem essa premissa verdadeira, dificilmente seremos capazes de nos reconhecermos como tal e, portanto, de nos respeitarmos. Mas, quando isso acontece, iniciamos a preparação para o mergulho dentro de nós mesmos. No reconhecimento do outro como parceiro – porque também criatura do mesmo Criador – e não mais como adversário na conquista do direito de ser livre, vamos desenvolver o que há de mais precioso nessa batalha pessoal: a FRATERNIDADE. Quando nos reconhecemos como iguais – detentores dos mesmos direitos – nos sentimos em condições de compreender o outro em toda a sua capacidade de, aliado a nós, ser agente modificador de tudo que nos cerca. Essa possibilidade que se abre ao Espírito em luta na busca de sua liberdade proporciona o encontro com seu EU, com sua consciência cósmica, dando-lhe a certeza de que sua liberdade está na união das duas vertentes que se lhe apresentam, no início, como sendo contraditórias: a vertente material – vida de sensações, limitada, e a vertente espiritual – vida consciencial, não limitada.

A aparente dualidade que o ser humano vivencia é que lhe traz esse desespero e a sensação de estar preso a amarras. Essa dualidade é necessária. O que se torna dispensável é a valorização que se dá apenas a uma delas, pois somente através da experiência material pode o Espírito crescer em entendimento de suas verdadeiras potencialidades, como obra de Deus – criado para ser perfeito, dentro de toda a relatividade possível – mas, inevitavelmente, destinado a ser foco de luz a clarear outros corações, que um dia estarão vivendo as mesmas angústias e os mesmos medos que hoje experimentamos.

Leda Maria Flaborea Busca interminável – O Consolador – Nº 5 – 16/05/2007

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

Contradição só na aparência

“Tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvís?” Jesus (Mc., 8:18.)

A carta de Paulo aos Coríntios (1) permanece – ainda – plena de atualidade:

“(…) Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; **mas a nossa capacidade vem de Deus**, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento, não da letra, mas do espírito; **porque a letra mata, mas o espírito vivifica**”.

Não raras criaturas, com ares de autossuficiência acoplada a muita presunção e petulância, percorrem em leitura dinâmica, “a vol d’oiseau”, as letras evangélicas, atropelando os conceitos e, com as distorcidas lentes da ignorância, concluem que o Meigo Rabi é contraditório e que Seus ensinamentos estão defasados, frente à realidade hodierna, quão eivados de paradoxos...

A “capacidade” deles vem deles mesmos e não de Deus, conforme assinala Paulo; por isso têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem. Suas ilações ficam na “horizontal” da letra que mata, sem conseguir alçar o voo na “vertical” do espírito que vivifica. E assim permanecem incrédulos e escarnekedores até que a misericórdia divina os atenda em seu tremedal de ignorância.

Os ensinamentos de Jesus são eternos e não passarão. Ele não perdia oportunidade de encaminhar as criaturas para o autoaprimoramento. Há que se considerar as injunções e circunstâncias de cada ensinamento, o seu momento psicológico de nuances muito sutis...

Assim, quando Jesus disse ao Mancebo de Qualidade: “Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres” e em outra oportunidade repreende a Judas por querer vender o bálsamo que a equivocada derramava em Seus pés, alegando que podia vendê-lo e dar o dinheiro aos pobres, o paradoxo é aparente apenas. O Moço Rico precisava da lição do desprendimento, vez que o apego à riqueza era o único laço que o impedia de progredir espiritualmente, enquanto que o bálsamo derramado em Seus pés era a forma daquela mulher demonstrar o seu carinho e agradecimento a Jesus – que disse: “Os pobres sempre os tereis convosco”.

Quando o Meigo Rabi perguntou (2): “Quem é minha mãe, quem são meus irmãos?”, Ele não estava menosprezando Sua consanguinidade, pois que o mandamento “honrar pai e mãe” não foi revogado. Apenas, naquele momento queria mostrar a imperiosa necessidade de colocarmos todos sob a custódia de Deus, fazendo-Lhe a vontade.

Ao enunciar: “Não vim trazer a paz, mas a espada”, absolutamente não estava incentivando estados de beligerância, mas apenas queria dizer que Seus ensinamentos iriam, dividir muitas vezes, na mesma casa, aqueles que os aceitariam e os que os rechaçariam, esgrimindo entre si a espada da intolerância.

Jesus é o Pacificador do mundo!...

Onde quer que chegasse, sempre saudava assim:

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVII)

“Paz seja convosco!...”.

Como poderia estimular a guerra?

Jesus, nosso Mestre Maior, “modelo e guia mais perfeito”, jamais entrou em contradição, que só é apontada por aqueles que se comprazem nos abissais desníveis da ignorância, enovelados em falsos conceitos e preocupados tão-somente em incensar a própria ambição e sua pseudo auto-suficiência, nada admitindo que possa modificar seu “modus-vivendi” e muito menos de que existe algo acima deles.

Com tais, nada se pode fazer senão entregá-los à própria sorte, pois só Deus e o tempo lograrão alterar sua indigência espiritual em alcandorada emancipação, albergando-os em Sua infinita misericórdia, mas, sem embargo, permitindo que Seus mensageiros “Ihes submetam a vontade rebelde ao controle da dupla ação do freio e da espora porque a nossa capacidade vem d’Ele para vermos o espírito que vivifica além da letra que mata”.

Rogério Coelho, Contradição só na aparência – O Consolador – Nº 69 – 17/08/2008.

Referências:

(1) Paulo, (II Cor., 3:5 a 6)

(2) Jesus, (Mt., 12:48)